



Instituto de Educação

UNIVERSIDADE DE LISBOA

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

DIDÁCTICA DAS CIÊNCIAS

Educação Sexual

Evolução histórica dos conceitos de Sexo e Sexualidade

Antero Dâmaso Santinhos Mendes

Evolução histórica dos conceitos de Sexo e Sexualidade

A abordagem desta problemática implica que façamos uma viagem à consciência mítica, ao homem primitivo, ao mito. Este é sempre uma representação colectiva, própria do homem primitivo, que relata uma explicação do mundo e do homem, isto é, da complexidade do real. Constituído por histórias fantásticas e fabulosas que mostram a criação, o mito é, por conseguinte, a palavra revelada, o dito, o normativo.

Foi a partir do mito que os gregos construíram as suas concepções de conduta moral, política e sexual. As explicações míticas são de natureza ambígua, sendo de extrema importância para nos dar a conhecer o pensamento grego e descobrirmos o legado por nós herdado, isto é, conhecermos as nossas origens e compreendermos a nossa própria sexualidade.

Começamos, no entanto, por salientar que os deuses gregos, ao contrário do Deus cristão, possuem atributos similares aos humanos. O pensamento mítico fez parte de uma tradição cultural da Grécia Antiga, influenciou a vida quotidiana da época e consequentemente o seu comportamento sexual. Os deuses eram seres omnipresentes na realidade cultural e social grega. Em Homero, percebe-se que o mundo dos deuses e dos mortais estava interligado, evidenciando inclusivamente as relações amorosas entre os mortais e os deuses, apaixonando-se estes tão intensamente quanto os mortais.

Os gregos adoravam os deuses através das representações simbólicas, tendo como objectivo uma aproximação entre os dois mundos. Podemos verificar este facto nas produções artísticas que fazem referência aos deuses. As representações de Ganimedes e Titono, mortais lendários cuja beleza excitava até mesmo as divindades, permitem-nos definir os critérios da beleza masculina, e observar que os mesmos critérios são satisfeitos na representação de deuses eternamente jovens (notadamente Apolo) ou jovens representados como sendo perseguidos, cortejados ou abraçados por amantes humanos comuns. (Dover, 1994, p.20)

A sexualidade, e principalmente o sexo, é um dos grandes focos de interesse presente em toda a história da humanidade, no sentido de entender a génese de diversos eventos do mundo, visto que pelo sexo se dá a criação dos seres.

A ideia de nascimento e morte, sempre foi alvo da atenção humana. Por conta do mistério que envolve a origem dos homens, sobretudo entre os antigos, o sexo passa a ser um dos principais meios de análise e questionamento em relação a essa origem. Devido a isso, vários mitos foram desenvolvidos, estabelecendo uma relação intrínseca

com a sexualidade, e a partir desses, podemos identificar determinadas características do imaginário da Grécia Clássica.

O tema da sexualidade está presente em diversas narrativas míticas, que remontam ao imaginário da Grécia Clássica. Para os gregos, o sexo estava ligado à natureza e às forças divinas. Os gregos, segundo Brandão (1987), consideravam que os sentimentos de amor, paixão, ódio, sofrimento, etc., provinham da vontade e interferência dos deuses. Daí, acreditavam em diversos deuses ligados à sexualidade e ao amor, como Dionísio, Afrodite e Eros.

Afrodite, na vida dos gregos, simboliza a relação entre a sexualidade, o amor e o prazer. A influência de Afrodite é, de entre as dos outros deuses, a que é dada de modo mais intenso e perceptível à realização da sexualidade e do prazer.

Para Foucault (2003), o comportamento sexual entre os gregos foi constituído como um domínio de prática moral. Este autor justifica que compreendemos por sexualidade aquilo que a cultura grego-romana chamou de *artes da existência*. O objecto da preocupação moral era a honra do amado e não necessariamente o seu sexo biológico, não importava se a sua herança genética o determinasse homem ou mulher.

Os gregos, em geral, relacionavam-se com as mulheres visando a procriação (sexo), e com os homens no intuito de obter prazer e o amor filosófico que vai para além do corpo (sexualidade), possibilidade essa que a mulher não poderia oferecer ao homem grego. Simbolicamente, esses deuses intrincados à sexualidade, provocam uma sensação de ruptura das inibições, é o meio da descoberta do amor e da paixão sexual entre os homens. São as divindades que presidem à libertação da sensibilidade, da embriaguez, do amor, do sexo, da regressão às forças caóticas da vida, das sensações e dos sentimentos inerentes ao imaginário grego do prazer.

O culto dionisíaco representa muito mais que uma possível fuga do mundo sensível, visto que o devaneio torna-se um fim divino em si mesmo, ou seja, o êxtase, o prazer, como interferência divina no mundo dos humanos. A sensação de êxtase dionisíaco não é alcançada isoladamente, deve ser necessariamente um fenómeno colectivo.

Segundo Jacques Le Goff (1992), depois do período greco-romano em que a sexualidade, o prazer carnal são valores positivos, reinando uma grande liberdade sexual, surge um agente de mudança com carácter repressor, o cristianismo, que vai condenar a sexualidade e regulamentar de uma forma rigorosa e cruel essa mesma sexualidade. Na perspectiva deste autor, no pensamento grego antigo, as noções de sagrado e profano estavam interligadas; o mesmo não acontece com as culturas hebraica

e cristã que provocam uma separação na relação entre o sagrado e o profano, ou seja, as acções morais são necessariamente acções de obediência a costumes. Assim sendo, ao contrário do mundo grego, as figuras que simbolizassem excessos e libertação de impulsos de carácter sexual, eram julgadas como moralmente desajustadas, que nada tinham a ver com a prática religiosa nem com a vida quotidiana. Daí serem completamente abolidas do universo de pensamento hebraico-cristão.

O cristianismo aproveitou-se das características típicas de Dionísio associando-as a práticas demoníacas. Assim, os excessos deste deus grego personificam os impulsos sexuais, vinhos, festas e bacanais e propõem ao homem condutas imorais. No entanto, seria injusto atribuir ao Cristianismo o ascetismo em relação aos prazeres: o Cristianismo apenas preservou um legado que hostilizava o prazer e o corpo. Tal legado pessimista, que se devia sobretudo a considerações médicas, tem as suas origens na Antiguidade. Pitágoras recomendava que as relações sexuais ocorressem de preferência no inverno, embora o sexo fosse prejudicial em todas as estações do ano. Hipócrates considerava que reter o sémen proporcionava ao corpo a máxima energia; a sua perda, a morte (Ranke-Heinemann, 1996). Segundo Sarano de Éfeso, médico pessoal do Imperador Adriano, o acto sexual só se justificava para a procriação. Esta perspectiva redutora da sexualidade foi, sem dúvida, intensificada por uma das maiores escolas da filosofia antiga, o estoicismo. A importância que os filósofos gregos reservavam à busca do prazer foi radicalmente transformada por esta corrente de pensamento que passou a concentrar a sexualidade no casamento. Este torna-se uma concessão àqueles que não podiam abster-se de relações. O negativismo em relação ao prazer sexual foi característica marcante do estoicismo nos dois primeiros séculos depois de Cristo e teve profunda influência no Cristianismo através dos grandes Padres da Igreja – Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino. O sexo é então vinculado à finalidade procriadora, tendo como exemplo os animais; caso contrário, significará o "estigma negativo" – o prazer. Vemos aí emergir uma forma de moralidade que é essencialmente moralidade sexual. Foi esta tradição judaico-cristã, acrescida da concepção teológica de Natureza (*physis*), herdeira do pensamento grego em particular de Aristóteles, que deu origem ao discurso que separa as práticas sexuais em "normais" e "anormais" (ou perversas, desviantes) (Ceccarelli, 1998). Defende-se a ideia de uma sexualidade normal, conforme a natureza, cujo desvio, a depravação (*pravus*) (Peixoto, 1998) é definido como "contra a natureza". Uma das consequências desta "filosofia" é a doença encarada

como um castigo, resultado do pecado, de uma falta na pureza da vida Cristã. A cura, se Deus assim o quisesse, só poderia ocorrer por intervenção divina.

A sexualidade vai ser encarada ao longo dos séculos dentro deste espírito que a moralidade cristã traçou.

O discurso psiquiátrico contemporâneo emerge na segunda metade do século XIX, sendo esse discurso marcado por uma visão moralista, que dá continuidade às posições teológicas e jurídicas, trazendo para a ordem médica o que, até então, era do domínio jurídico. Os chamados "efeitos nocivos da sexualidade" - práticas contra a natureza, uma vida conjugal insuficiente, os perigos da masturbação, do coito interrompido, etc., eram discutidos numa perspectiva higienista e repressiva.

Os especialistas nas psicopatologias da época apressaram-se a inventariar novas formas de perversões ligadas ao sexo: o outro é usado para obtenção de prazer e a finalidade natural da sexualidade, a procriação, é subvertida dando lugar ao exibicionismo, ao sadismo, ao masoquismo etc.

No final do século XIX, num período de verdades absolutas, fruto do positivismo, Freud irrompeu com teorias psicanalíticas, que desmoronaram muitas crenças até então fundamentais.

A grande novidade da revolução psicanalítica (Freud, 1856/1939) não reside apenas na descoberta do inconsciente, mas na afirmação de que aquele é regido por pulsões de natureza sexual que dominam a nossa vida psíquica – é a realidade psíquica fundamental. Assim, Freud rompe com a psiquiatria da sua época, tornando-se uma figura impopular, tendo sido considerado como um ser imoral e obscuro. No entanto, ele vai ainda mais longe ao provocar uma viragem profundamente inovadora com a publicação da obra *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). A genialidade de Freud não vem tanto do tipo de material clínico observado que, como vimos, fora exaustivamente classificados pelos seus predecessores, mas do facto de afirmar que as tendências perversas catalogadas pelos seus colegas como aberrações humanas assombram o espírito de todos os homens, inclusive daqueles que as catalogaram, estando também presentes nas crianças. Mostra à biologia, à moral, à religião e à opinião popular, o quanto laboraram no erro no que diz respeito à natureza da sexualidade humana: a sexualidade humana é, sem si, perversa. (Perversa aqui entendida não no sentido psicanalítico, mas no seu sentido primeiro: desvio, depravação. O que caracteriza a perversão para Freud é a presença de uma organização psíquica baseada na recusa). Ao buscar o prazer, a sexualidade escapa à ordem da natureza, age

em função de si própria "pervertendo", assim, o seu suposto objectivo natural: a procriação. Subordinar a sexualidade à função reprodutora é, segundo Freud, "um critério demasiadamente limitado" (Freud, 1917). Nesta perspectiva, a sexualidade é contra a natureza; ou seja, quando se trata de sexualidade, não existe uma "natureza humana". Reforça, assim, a ideia de que o plano inconsciente condiciona decisivamente o comportamento do homem, não existindo no nosso código moral nem no nosso pensamento uma manifestação pura, mas sim impulsos sexuais, recalcamientos, traumas, medos, impulsos destrutivos, desejos, etc. O inconsciente é, para Freud, um " lugar psíquico" que contém pensamentos, desejos, sentimentos, impulsos que estão situados nas profundezas da nossa mente, aquém da consciência. Constitui-se durante a nossa vida psíquica, sobretudo no decorrer da infância. Assim, a sexualidade não se inicia com o funcionamento das glândulas sexuais na puberdade, mas exprime-se desde o nascimento. Foi o trabalho desenvolvido com os seus pacientes que levou Freud a concluir que o comportamento sexual adulto está relacionado com as vivências infantis. Daí, afirmar que o desenvolvimento humano, desde a infância à vida adulta, pode ser explicado pela evolução da psicosexualidade. Esta ocorre desde o nascimento até à puberdade, sendo constituída por cinco estádios: oral, anal, fálico, latência e genital, representando cada um uma complexa interação entre o impulso natural para a obtenção do prazer e os factores culturais que influenciam o modo como lidamos com os desejos sexuais ou eróticos. A criança deve encontrar um equilíbrio entre a sua necessidade de prazer e as restrições ou a permissividade dos pais. Daqui resulta um conflito entre os impulsos sexuais e a cultura. O modo como foi resolvido tal conflito vai ter um impacto psicológico no tipo de pessoa que viremos a ser. Freud sublinha que há sempre um certo grau de frustração e ansiedade quando se trata de passar ao estágio seguinte; no entanto, se ocorrer excessiva frustração ou excessiva satisfação na expressão da energia sexual e agressiva, o desenvolvimento não acontece de forma relativamente saudável, o que conduz à fixação, resultando desta comportamentos problemáticos, como por exemplo, agressividade verbal, impaciência, obstinação, violência destrutiva, culpa, abuso de determinadas substâncias, etc. (Freud, 1905).

Freud mostra que os referidos comportamentos e outras perversões integram o psiquismo humano, subvertendo assim o conceito de normalidade, fazendo dele uma ficção: não existe mais diferença qualitativa entre o normal e o patológico. A diferença entre a sexualidade perversa e a normal reside no facto de que "os seus instintos componentes dominantes e, conseqüentemente, os seus fins sexuais são

diferentes"(Freud, 1917).

A partir da visão da pulsão sexual diversificada, anárquica, plural e parcial - oral, anal, sádica, masoquista e tantas outras formas que ela pode tomar - Freud propõe uma outra maneira de se pensar o sujeito, cuja constituição não pode ser separada da sexualidade, entendida aqui num sentido amplo. Freud estende assim a noção de sexualidade para além da fronteira da genitalidade, e abre a possibilidade de outras apresentações da sexualidade que têm um lugar considerável no psiquismo humano - os ideais. Estes são apresentados como formados por identificações, segundo os modelos mais diversos. Fazem parte destes modelos as regras educativas da cultura que representam um "desenvolvimento" subjectivo necessário para recalcar o prazer. Neste sentido, a tradição judaico-cristã influenciou fortemente a criação dos ideais e, conseqüentemente, aquilo que seria "normal" em termos de sexualidade: é normal a sexualidade, que a referência animal nos mostra, dedicada à preservação da espécie. Os ideais culturais ou códigos morais civilizacionais traduzem tentativas de criar uma norma - a "natureza humana" - para enquadrar, para controlar, para direccionar as pulsões sexuais e agressivas.

Segundo Freud, somos seres marcados pelo passado (experiências de infância) e pela cultura. Em nós não é a razão que domina, embora gostássemos de pensar que é ela que controla os impulsos irracionais. No entanto, a nossa vida é dirigida por impulsos, desejos e pulsões de natureza inconsciente (sexuais e agressivas), sendo o princípio da realidade constantemente assaltado pelo princípio do prazer.

Se, para Freud, somos seres cuja finalidade é o prazer, então, a sexualidade não se limita ao acto sexual entre duas pessoas: a sexualidade é toda a actividade libidinal que tende para a satisfação e os comportamentos sexuais são transformados em identidades sexuais.

Assim, e em jeito de conclusão, podemos afirmar que é exactamente no contexto teórico freudiano que emerge essa distinção entre Sexo (acto sexual) e Sexualidade (energia sexual generalizada), embora Freud se tenha inspirado na tradição grega que já procurava simbolizar em Afrodite e Dionísio, respectivamente, a Sexualidade e o Sexo.

Referências Bibliográficas

- Brandão, J. S.(1987). *Mitologia grega*. Vol. II. Petrópolis: Vozes.
- Ceccarelli, P. R., *Potencialidades de perversão*. In *Boletim de Novidades*. São Paulo: Livraria Pulsional , XI, 113, 79-82, 1998.
- Dover, K. J.(1994). *A Homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria.
- Focault, M. (2003). *História da Sexualidade Volume II*. São Paulo: Editora Graal.
- Freud, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In *E. S. B.* Rio de Janeiro: Imago, VII, p. 181, 1972.
- Freud, S. (1917). *O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*. In *E. S. B.* Rio de Janeiro: Imago, XVI, p. 378, 1976.
- Freud, S. (1921). *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*. In *E. S. B.* Rio de Janeiro: Imago , XVIII, p. 143, 1976
- Freud, S. (1930). *O mal-estar na civilização*. In *E. S. B.* Rio de Janeiro: Imag , XXI, Cap. III, 1974.
- Peixoto, C. A. *Um breve histórico da perversão na sexologia do século XIX*. In *Boletim de Novidades*. São Paulo: Livraria Pulsional, XI, 105, 34-49, 1998.
- Ranke-Heinemann, U. (1996). *Eunucos pelo Reino de Deus*. (3ª Ed.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Revista L'Histoire / Seuil. *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Porto Alegre: L&PM, 1992.